



## UM ESTUDO INICIAL À LUZ DE KANT E BOURDIEU ACERCA DAS INTERAÇÕES NA SALA DE AULA

Alex Santos de Sousa <sup>1</sup>  
Ana Clara de Sousa Leal <sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho busca apresentar os resultados de uma pesquisa desenvolvida na disciplina de Políticas Públicas no curso de Licenciatura Plena em Matemática do IFMA – Campus São João dos Patos. O estudo tem como principal objetivo realizar uma leitura crítica do impacto das interações entre alunos que possam estar corroborando para a formação de um estado de minoridade, descrito por Kant, dentro da sala de aula. O referencial teórico baseou-se na literatura kantiana, com foco nos escritos sobre o Esclarecimento, e na Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu. A metodologia, por sua vez, teve por base a utilização de questionários online com perguntas mistas para a coleta de dados a partir de uma abordagem quali-quantitativa. Contamos com uma amostra de 8 alunos retirada de um universo de 26 estudantes. Concluímos, com base na análise dos resultados, que há na sala de aula um estado de minoridade entre os alunos decorrente de uma violência simbólica que produz e impõe significações legitimadas pelo professor.

**Palavras-chave:** Kant, Bourdieu, Minoridade, Violência simbólica.

### INTRODUÇÃO

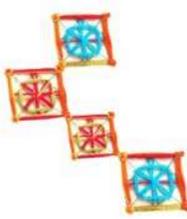
A crítica à passividade do homem e o seu comodismo frente à necessidade de tomada de decisão própria marcaram um dos grandes debates durante o Iluminismo, período em que se destacaram diversos defensores do uso da razão e da liberdade política, econômica e de expressão. Nesse cenário, o texto de 1784 “Resposta à pergunta: O que é o Esclarecimento?” do filósofo Immanuel Kant, ganhou notoriedade, uma vez que discutiu tal problemática, colocando em perspectiva a necessidade do indivíduo de se esclarecer. Segundo ele para que isso ocorresse, era necessário que o conhecimento passasse inicialmente pela nossa razão, levando assim, ao refinamento das ideias.

Vários são os níveis de estruturas sociais e cenários que apresentam a mesma trajetória de comportamento entre os indivíduos, um estado de minoridade frente a outros agentes sociais. Sendo que, “A minoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA, [alexasantosdesousa1@gmail.com](mailto:alexasantosdesousa1@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Piauí - UFPI, [anaclaraleal32@gmail.com](mailto:anaclaraleal32@gmail.com);



sem a tutela de um outro.” (KANT, 2008, p. 1). Entre os vários cenários possíveis de investigação onde podem ser encontrados agentes neste estado, a escola, como explica a Sociologia da Educação dos sociólogos franceses Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, em suas principais obras “A reprodução” (2014), “Escritos de educação” (2015) e “Os herdeiros” (2014), ganha uma nova conotação ao mostrar a educação como uma instância repleta de agentes que se encontram imersos em ideologias e expostos às disputas nos *campos* de produção simbólica.

A educação, na teoria de Bourdieu, perde o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizadora das sociedades e passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 17).

Na escola, alguns alunos são favorecidos por uma origem social e cultural distinta das demais (acesso a museus, cinema, música clássica, etc.), transmutadas em categorias que fazem parte do julgamento professoral. Dessa forma, “as taxonomias, [...], podem ser colocadas em relação com a sanção numerada (nota) e com a origem social dos alunos que fazem o objeto dessas duas formas de avaliação.” (BOURDIEU, 2015, p. 208). Assim, presam bem mais pelo domínio da linguagem e sua proximidade com a língua costumeiramente falada por aqueles pertencentes às classes sociais encontradas no topo da hierarquia social e que perpassam um “ar de naturalidade”.

Em relação a esse contexto, muita das interações entre alunos dentro das instituições escolares são percebidas como conflituosas e passivas à medida que alguns podem se servir da tutela de outrem por intimidação ou acomodação e, assim, nessa realidade, “a preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma parte tão grande dos homens, [...], comprazem-se em permanecer por toda sua vida menores”. (KANT, 2008, p. 1). É comum em apresentações de seminários, debates e perguntas orais realizadas pelo professor, serem encontradas uma amostra de alunos que não se manifestam, ou quando o fazem e são questionados, ficam em silêncio, muitas vezes, ocorre de esperarem a resposta daqueles considerados mais inteligentes. Dessa forma, tal situação torna-se uma problemática que deve ser explorada no contexto acadêmico a fim de se evitar prejuízos na formação dos estudantes como agentes autônomos, livres e qualificados para exercerem seu papel na sociedade.

Nessa direção, a presente pesquisa visa por meio de uma análise das relações sociais entre alguns estudantes do IFMA-Campus São João dos Patos dentro da sala de aula, realizar uma leitura crítica do impacto das interações entre alunos que possam estar corroborando para a formação de um estado de minoridade entre os mesmos, sedimentando a identidade



pedagógica da instituição, e o seu papel que lhe fora atribuído como sendo neutra e responsável por promover a igualdades entre os estudantes. Portanto, espera-se como resultado a formação de uma lente crítica aos processos que muitas das vezes passam despercebidos pelo(a) docente, podendo ajudar a mostrar fatores negativos a formação dos estudantes, que passam longe de contribuir para o seu estado de esclarecimento.

## **METODOLOGIA**

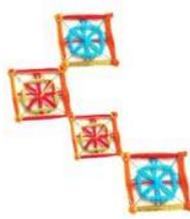
Para análise e coleta de dados, que forneceu base sólida para argumentação e levantamento de hipóteses, a pesquisa foi abordada de forma quali-quantitativa. Para se chegar ao objetivo traçado no início da pesquisa, utilizou-se questionários com perguntas mistas, sendo 10 perguntas fechadas e 6 abertas, aplicados numa amostra de 8 alunos retirada de um universo de 26 estudantes. Foi proposto contribuir para a formação de uma lente crítica e de estratégias de forma que pudessem levar os estudantes para um estado de esclarecimento e, para tanto, utilizou-se, em sua maioria, de perguntas abertas.

O foco nesta etapa da pesquisa está em analisar minuciosamente as respostas dos estudantes, a metodologia aplicada sugere com as perguntas abertas a possibilidade de dar margem aos sujeitos para opinar de diversas formas, alcançando os níveis mais sutis de sua percepção, não ficando presos a alternativas predefinidas que podem induzir as respostas sobre objeto da pesquisa.

Para Gil (2008, p. 122) o questionário apresenta as seguintes vantagens:

- a) possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio;
- b) implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores;
- c) garante o anonimato das respostas;
- d) permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente;
- e) não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado.

A possibilidade de atingir um grande número de alunos atribui um grau elevado de certeza as hipóteses levantadas a partir dos dados obtidos, no entanto, com o uso de perguntas abertas e a liberdade ilimitada de resposta dada ao informante em relação ao objeto da pesquisa é comum à repetição de respostas ou trechos similares com informações formadas a



partir das interações sociais. Como afirma Bauer e Gaskell (2000, p. 71) “Embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais; em alguma medida, elas são o resultado de processos sociais.” Dessa forma, para o fornecimento de dados da pesquisa, investigou-se uma amostra de alunos escolhida arbitrariamente dentro da sala de aula. Para a análise de dados baseou-se na frequência de respostas às perguntas fechadas e no levantamento das respostas às perguntas abertas, relacionando assim, com o referencial teórico adotado na pesquisa.

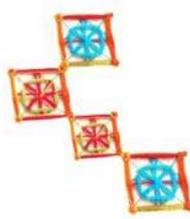
Afim de resguardar a identidade dos alunos respondentes devidos a questões éticas, nos vários momentos em que serão mencionadas as suas respostas às perguntas abertas, manteremos os seus nomes sob anonimato, criando nomes fictícios. A mitologia grega por ser bastante conhecida e, dada a nossa afeição pelos mitos e histórias sobre os deuses gregos, foi utilizada para fazer referência nomes dos alunos, tendo seus nomes reais substituídos por nomes de deuses da mitologia grega.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Quando falamos em analisar as relações de interações entre alunos à luz da Sociologia da Educação dos sociólogos franceses Bourdieu e Passeron juntamente com a literatura kantiana sobre o esclarecimento, estamos nos propondo a falar sobre perspectivas teóricas diferentes. Entretanto, elas se complementam à medida que discutem o impacto decorrente de uma violência simbólica produzidas pelos processos de interação, que corroboram para um estado social de inferiorização e submissão, a minoridade.

Enquanto Bourdieu e Passeron (2014), apresentam uma visão pessimista da educação e do sistema de ensino como sendo um aparelho de reprodução e legitimação das desigualdades sociais, Kant (1999, p. 15) se firma na tese de que “o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz.” A educação, nesse sentido, é colocada como uma máxima kantiana concebida a partir de um ideal da razão, devendo orientar a prática dos indivíduos em uma busca pelo aperfeiçoamento constante.

Portanto, é durante a análise das interações, dos processos que “torna homem o homem” a partir do fenômeno educacional, em especial o contexto específico da sala de aula, que as duas abordagens teóricas se cruzam e desenharam o objeto da pesquisa. Na perspectiva bourdieusiana, as dissimulações das bases sociais como fator decisivo para o sucesso escolar, legitimam as desigualdades, assim, para os alunos das classes dominadas “sendo incapaz de



perceber o caráter arbitrário e impositivo da cultura escolar, tenderia a atribuir suas dificuldades escolares a uma inferioridade que lhes seria inerente, definida em termos intelectuais (falta de inteligência) ou morais (fraqueza de vontade).” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 30). Complementando-o, Kant (2008) traz à tona que o caráter de inferioridade em que se encontra o indivíduo leva a dependência de tutores, uma vez que não é preciso esforço quando pode ser feito o uso do entendimento de outro.

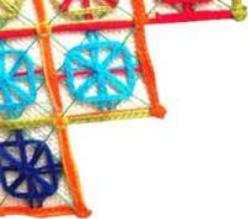
## **Esclarecimento**

O iluminismo, época posterior a Idade Média, foi marcado pela valorização da razão em detrimento da ignorância, incorporante do papel da escuridão, ocorrendo assim a superação de uma fase de grande domínio religioso, social e político substituindo-a pela disseminação do conhecimento. A partir de uma interpretação conotativa, a razão seria capaz de esclarecer a alma, visto que a luz da razão era associada à sabedoria enquanto a ignorância remetia as trevas e a escuridão. Conforme aponta Mousinier, o iluminismo representou a renovação em diversos campos da sociedade, trazendo assim uma perspectiva mais crítica e científica acerca dos mesmos.

como o século das luzes, o pensamento do filósofo se transforma, de maneira a começar a ser menos teólogo, menos erudito, e cada vez mais um homem íntegro que se mantém na corrente de avanço das ciências, toma parte em todas as disputas, se apaixona pelas questões da teoria política (Diderot, Montesquieu) e pela ação (Voltaire) e, sobre tudo, se converte em homem das letras, a filosofia que se segue, se expressa mediante contos, obras de teatro (Voltaire, Diderot, Lessing) e novelas (Rousseau). (MOUSNIER; LABROUSSE, 1995, p. 29).

O filósofo prussiano Immanuel Kant, contemporâneo a esse período, destacou em seus escritos, o termo alemão *Aufklärung*, cuja tradução livre seria esclarecimento. De acordo com Adorno e Horkheimer (1985) ambas palavras, original e traduzida, designam o processo pelo qual o indivíduo ultrapassa as trevas da ignorância e do preconceito em diversas questões de ordem prática. Segundo Kant (2008, p. 1) “o esclarecimento significa a saída do homem de sua minoridade, pela qual ele próprio é culpado”.

Conforme Brasil (1988) o indivíduo atinge a sua maioridade aos 18 anos de idade, pois, a partir disso, o mesmo possui pleno desenvolvimento mental e físico para analisar acontecimentos concretos e verificar se eles não ofendem a ordem jurídica. Para o autor em questão, a maioridade, por sua vez, é a capacidade de utilizar-se do próprio entendimento, tal



passagem seria algo natural e dotado do uso da razão. Dessa maneira, a maioria é compreendida, em seu âmbito jurídico, como um marco que delimita a passagem da infância até a fase adulta enquanto para Kant (2008), seria uma questão voltada para o campo do pensamento e da autonomia humana.

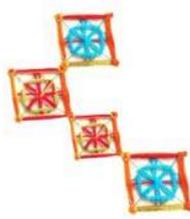
O filósofo supramencionado destacou que as razões pelas quais o homem permanece no seu estado de menoridade se limitam a preguiça e a covardia. Preguiça, porque sua posição atual de menor não o incomoda, uma vez que pensar por si mesmo requer um gasto de energia, configurando-o como trabalhoso. Covardia, devido ao fato de que ele não ousa saber, pois, é uma reponsabilidade que ele não é capaz de assumir por medo. Em suma, o autor destaca tais fatores como responsáveis por homologar a minoridade do homem, que se vê dependente das decisões de outro indivíduo.

O estímulo kantiano pela autonomia intelectual tem como condição a ousadia do homem e a sua desvinculação com relação a quaisquer mentores. Entretanto, essa condição de tutela, abre margem para a existência de uma violência entre indivíduos, uma vez que ocorre a violação do pensamento autônomo daquele que o sofre. Esse processo, ocorre de maneira implícita, configurando assim uma espécie de violência simbólica. Essa forma de violência, por sua vez, foi descrita pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1997) como uma violência que é exercida a partir da convivência oculta dos que sofrem e dos que a praticam. Nessa perspectiva, a menoridade conforma-se como uma consequência da violência simbólica instaurada, uma vez que esta última ocorre de maneira silenciosa, contribuindo assim, para a covardia e a preguiça do indivíduo.

### **Violência simbólica**

Segundo Bourdieu e Passeron (2014) a violência simbólica consiste na imposição arbitrária de um arbitrário pedagógico, uma imposição do sentido que acrescenta força nas relações de forças. Ou seja, nas práticas de interação entre indivíduos existe um poder arbitrário que enquanto imposição de um sentido, configuram uma relação de força e de disputa, formadora de um estado de constrangimento.

Na escola, para Bourdieu e Passeron (2014) uma ação pedagógica enquanto imposição é uma violência simbólica na forma de um arbitrário pedagógico e, na medida que busca impor significações legítimas. Na dinâmica da sala de aula, a hierarquia formada entre os diversos agentes que a compõe, tende a legitimar as hierarquias sociais conforme as reproduzem. Nesse sentido, Bourdieu e Passeron, contribuíram com sua Sociologia da



Educação ao desmistificarem a crença entorno da escola como sendo uma unidade neutra e livre dos conflitos de classe. Contudo, a mesma é responsável pela legitimação e manutenção das desigualdades sociais ao impor significações legítimas definidas pelos que se encontram no topo da hierarquização.

De acordo com Bourdieu (2014, p. 154) “num universo escolar em que o ideal é ‘falar como um livro’, o único discurso plenamente legítimo é aquele que supõe, em cada um de seus momentos, todo o contexto de uma cultura legítima e somente isso.” Portanto, na sala de aula, as definições de um “bom aluno” ficam comprometidas e submetidas ao nível de capital (social, cultural, econômico, etc.) que este aluno possui. Em especial, o capital cultural permite fazer uso dos costumes, da língua, crenças e saberes fornecidos pela origem familiar, levando a categorização dos alunos diante seus resultados em sala de aula.

Dessa forma, “o êxito de uma AP (Ação Pedagógica) se dá não somente pelo seu poder de imposição, como, pela base já estabelecida, pela dominação do código cultural, pela primeira educação do grupo.” (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 51-52, grifo nosso). Assim, a origem familiar, responsável pela formação do capital cultural, é um fator decisivo no desempenho escolar, à medida que a escola reproduz o que é legitimamente aceito e digno de ser reproduzido. Para aqueles que não conseguiram adquirir previamente da família os mecanismos necessários para criar os instrumentos de decodificação do código escolar, resta o sentimento de fracasso e constrangimento. Mesmo aqueles que se esforçaram igualmente para obter boas notas não conseguirão um desempenho igual, pois, só uma origem familiar rica em capital cultural fornece a “naturalidade” legitimada pelo julgamento professoral.

Ações como essa, se sustentam na meritocracia como processo legítimo que identifica e categoriza os alunos que obtém as melhores notas e os maiores desempenhos acadêmicos. Sem realizar uma reflexão da influência profunda que a bagagem cultural dos estudantes produz para o seu desempenho escolar, a escola, firma-se na ideologia do dom, no mérito e do inatismo, para justificar os resultados em sala de aula, o conhecimento dito “natural” de alguns alunos.

Entretanto Bourdieu e Passeron ao exporem essa faceta da educação escolar, revelou um complexo mecanismo de reprodução das desigualdades sociais, que desde a educação básica fazem uso de instrumentos para rotular os estudantes ao alimentar a crença em desigualdades legítimas que “justificam” o desempenho escolar. Tal situação causa um sentimento de inferiorização e incapacidade diante aquele que tem um “dom”, uma violência simbólica que impõe significações ditas legítimas e mudam o sentido dos reais pressupostos por trás das desigualdades entre os estudantes.



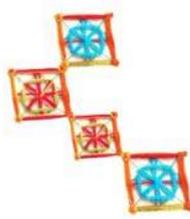
## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As nossas investigações contaram com uma amostra de 8 alunos selecionados aleatoriamente e que fazem parte de um universo de 26 estudantes de graduação do bloco V do curso de Licenciatura Plena em Matemática do IFMA – Campus São João dos Patos. Na análise dos dados obtidos, foi possível perceber alguns aspectos como a minoridade instaurada entre alunos, além dos níveis e agentes envolvidos no processo de violência simbólica.

Com base nos dados obtidos, 50% dos alunos disseram haver professores na sala de aula que privilegiam alguns alunos em detrimento de outros e como consequência forma-se uma hierarquização dos alunos ditos mais e menos “aptos” reconhecida por eles e pelos professores segundo 57,1% dos estudantes. Outro dado importante mostra que cerca de 75% dos estudantes perceberam que há dentro da sala de aula uma supervalorização de alunos/grupos específicos por parte dos professores e de outros alunos. Nesse cenário, cerca de 62,5% dos estudantes afirmam que em alguma situação já deixaram de manifestar suas opiniões por medo de ser constrangido.

Conciliando com as percentagens averiguadas, as questões abertas revelam um universo mais íntimo das percepções dos estudantes sobre a sala de aula e suas várias manifestações. Quando questionados sobre os motivos pelos quais alguns grupos/alunos são mais valorizados pelos professores ou por outros estudantes, a aluna, que daqui por diante chamaremos de “Afrodite”, afirma que: “alguns alunos acabam se destacando pela oratória, pelo esforço maior, e é perceptível a simpatia de alguns professores por esses grupos”. Corroborando com essa afirmação o aluno, que daqui por diante chamaremos de “Zeus”, disse que: “alunos mais carismáticos e que assimilam o conteúdo mais rápido, tendem a prender a atenção do professor, que muitas vezes esquece dos demais”.

As explicativas de Zeus e Afrodite abrem margem para uma discussão acerca do julgamento professoral. Critérios como a oratória, o carisma e a assimilação rápida de conteúdos tornam-se fatores com maior significado e importância na avaliação feita pelo professor. É a partir das leituras em Bourdieu (2015) que fazemos algumas observações dessas percepções: primeiro, o professor julga segundo critérios que favorecem os alunos que já possuem uma forte bagagem cultural formada a partir de sua origem familiar; segundo, essa percepção do professor não avalia apenas seus alunos, como também os classifica de acordo com o seus desempenhos; e terceiro, ao fazer isso o professor migra a atenção apenas para



aqueles considerados mais aptos, deixando de lado os alunos que apresentam um fraco desempenho diante os critérios do julgamento professoral.

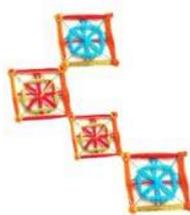
Na sequência, quando os 8 alunos foram indagados sobre por quais motivos eles acreditavam que os professores tinham a tendência de privilegiar alguns grupos/alunos em detrimento de outros, o aluno, que daqui por diante chamaremos de “Hades”, afirmou que: “se o aluno não dominar o conteúdo, ele começa a ser rotulado de desinteressado, burro, pois os colegas conseguiram e ele não, logo ele seria o menos apto”. O trecho de Hades expõe a classificação diante o desfecho do aluno não dominar o conteúdo, por outro lado, aquele que possui êxito também é classificado, no entanto, sob a perspectiva de um “bom aluno”.

Zeus, ao ser indagado a respeito do motivo que o levou a omitir sua opinião em assuntos de interesse da classe, respondeu o seguinte: “A maioria expressava uma opinião diferente da minha, corroborar com os demais tornasse uma opção mais produtiva”. Ademais, ao ser questionado sobre a razão pela qual se sentiu acomodado ao deixar de responder questionamentos vindos diretamente do professor, o mesmo respondeu que: “Divergência acabam se tornando algo desgastante, para evitar qualquer conflito na convivência com os demais colegas é melhor as vezes buscar outros caminhos.”

Diante disso, ainda que o aluno não tenha respondido à questão da maneira esperada, é possível notar um certo desconforto por parte dele no que tange a divergência de opiniões entre ele e seus colegas de turma. O mesmo afirma que opta se calar, deixando de expressar sua opinião pelo fato de ser desgastante, o que demanda uma certa energia, e também para evitar conflitos na sala de aula. De acordo com Kant (2008), a preguiça e a covardia são os fatores que ratificam a minoridade do indivíduo. Nesse sentido, a sua fala apresenta as duas causas da minoridade, apontadas pelo autor.

A partir dos dados coletados e a posterior análise com base nos pressupostos teóricos adotados nessa pesquisa, constatamos que existe um estado de minoridade como descreve Kant (2008). O que ocorre na sala de aula é a classificação de alunos legitimada e enunciada com base no julgamento professoral, com poder para dar e assegurar essa legitimidade, a produção e imposição de significados tornam-se uma violência simbólica à medida que o professor impõe os critérios que classificam os alunos. Nessa perspectiva, a minoridade é uma consequência da violência simbólica à medida que o aluno se encontra classificado como sendo menos apto e rotulado como incapaz ou sem aptidões.

Essa classificação o deixa a mercê das significações que lhes são impostas, tornando-o presa fácil e manipulável, como mencionado anteriormente ocorre desse processo que a maioria dos alunos afirmam já terem deixado de se manifestar por medo de algum



constrangimento. Um estado de minoridade que os coloca em posição de aceitar que outros estudantes tomem a vez em seus lugares e, por serem mais aptos e bem classificados de acordo com o julgamento do professor, possuem um status de mais qualificados diante as várias manifestações que cercam a vida acadêmica dentro da sala de aula.

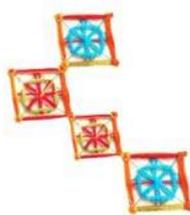
## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Partindo da conjectura desse trabalho, de que na sala de aula as diversas interações entre alunos poderiam corroborar para a formação de um estado de minoridade, baseando-se nos estudos de Kant (2008), foi possível observar alguns aspectos que levam a crer na existência de uma minoridade nesse âmbito em específico. A partir das análises dos dados coletados, verificou-se nas percepções dos alunos, um padrão excludente iniciado e perpetuado pelo professor. Padrão esse, que prioriza alguns alunos ao mesmo tempo que exclui outros, contribuindo para uma hierarquização de grupos e alunos que possuem voz ativa dentro do ambiente escolar.

Iniciando com o professor, esse processo classifica os alunos de acordo com as habilidades prévias formadas em sua origem social, deixando de lado as desigualdades entre os capitais culturais, como enfatiza a literatura bourdieusiana. Em sequência, as diferenciações por sua vez implantam uma significação, tanto por parte do aluno como do professor, dos detentores de aptidões no contexto acadêmico. Dessa forma, esse cenário favorece a minoridade: os alunos, ditos como menos aptos, deixam de se posicionar uma vez que aqueles que se encontram no topo da hierarquização não devem ser confrontados devido ao status de sua classificação.

Por fim, destacamos uma limitação no que tange essa pesquisa: a coleta de dados em forma de questionários não é suficiente para captar todas impressões do respondente, sendo deixado de lado vários dados que trariam novos aspectos a serem considerados na pesquisa. Nesse sentido, como indicação para a ampliar o presente trabalho é sugerível uma abordagem por meio de entrevistas. Conclui-se, então, que a problemática abordada no presente trabalho, contribui para as discussões entorno da formação de professores, no intuito de promover a reflexão diante sua prática docente.

## **REFERÊNCIAS**



ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos.** Trad. de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

I. BAUER, Martin W., II. GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático.** Tradução de Pedrinho A. Guareschi. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação.** Orgs: I. NOGUEIRA, Maria Alice. II. AFRÂNIO, Catani. 16. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino.** 7. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os Herdeiros: os estudantes e a cultura.** Trad. Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: o que é “Esclarecimento”?** Tradução de Luiz Paulo Rouanet. Brasília: Casa das Musas, 2008.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia.** Tradução de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1999b.

LIBERALI, F. Coelho. **Formação de professores: Questões fundamentais.** Volume 8. Campinas, SP - 3ª. Ed - editora: Pontes, 2015.

MOUSNIER, Roland; LABROUSSE, Ernest. **O século XVIII.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. v. 1.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: Limites e contribuições.** Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a03v2378.pdf>> Educação & Sociedade, ano XXIII, n. 78, Abril/2002.